



AMPARADOS PELA ESPERA NO RESSUSCITADO: A ESPERANÇA NA ESPIRITUALIDADE DE SÃO PAULO DA CRUZ

Carlos Renato Moiteiro – Comunidades Leigas Passionistas (CLPs Região Centro-Prov. Getsêmani)

Tratado da Morte Mística de São Paulo da Cruz¹.

“Meu Deus, este e outros [exercícios] farei com a vossa graça; mas se Vós vos afastardes de mim, farei mais mal daquilo que ora proponho de fazer de bem; e a fim de que isto para minha desgraça não me aconteça, o que muito temo, mas muito mais confio em Vós, procurarei estar sempre com Vós unida, e por temor não me afastarei um momento de Vós, porque um só momento de Vós separada posso perder-vos e, perdendo-vos, perco tudo.

Quero reduzir-me com estes sentimentos a uma agonia espiritual, com a qual quero destruir todo o meu amor próprio, inclinações, ‘paixões e vontade’. Querendo assim morrer na Cruz com aquela santa morte de Jesus, com a qual morrem no Calvário com o Esposo as Almas enamoradas, e morrem de uma morte mais dolorosa do que aquela do corpo, para depois ressurgir com Jesus triunfante no céu.

Feliz de mim se praticar esta santa morte, a bendirei no meu último momento, com minha grande consolação. Jesus esteja sempre comigo; Jesus, [que] a minha última palavra seja o vosso Nome; Jesus, o último respiro seja o vosso Amor. Amém.”

Uma antiga tradição na Congregação afirma que, durante uma missão popular, o então Pe. Tommaso Struzzieri (que mais tarde se tornaria o primeiro bispo da Congregação), recebeu de um pio devoto uma imagem que havia mandado pintar, retratando a Santíssima Virgem com o menino Jesus ao colo, e este segurando uma cruz. Era o ano de 1750. A partir de então, Pe. Tommaso passou a portar junto de si o quadro, levando às Santas Missões, e solicitou aos superiores das casas, com a anuência do fundador, que entronizassem uma cópia deste quadro em todos os Retiros da congregação. A imagem levava o título de *Mater Sanctae Spei*, a “Mãe da Santa Esperança”.

Não poderia ser mais propício o título dado a esta que foi uma das primeiras devoções marianas da Congregação. A **esperança**, definida pelo escritor da carta aos Hebreus como “âncora da alma, segura e sólida, e que penetra até mais além do véu” (Hb 6, 19), é

virtude fundamental na vida do discípulo-missionário. O Catecismo a define como o “[...] desejo de felicidade que Deus colocou no coração de todo o homem; assume as esperanças que inspiram as atividades dos homens, purifica-as e ordena-as para o Reino dos céus; protege contra o desânimo; sustenta no abatimento; dilata o coração na expectativa da bem-aventurança eterna” (CIC, n. 1818); em consonância com a **fé** e a **caridade**, forma a tríade das virtudes teologais, assim definidas por São Tomás de Aquino por corresponderem a certos princípios que são infundidos por Deus em nós e que nos habilitam para a vida em Deus, posto que, por meio delas, “Deus nos torna virtuosos e nos ordena para Ele”².

À diferença das virtudes cardeais – a *saber, a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança* –, que são naturais ao ser humano e que podem ser alcançadas mediante o exercício da razão e o hábito, as virtudes teologais só nos podem ser

¹ Conforme documento conservado no mosteiro das Passionistas de Bilbao. Cf.: PAOLO DELLA CROCE; CHIARI, Christophoro. *Lettere di San Paolo della Croce*. Roma: Curia Generalizia PP. Passionisti, 1977. V. 5; p. 9-10; n. 1.

² TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q. 62, art. 1.

conhecidas mediante a Revelação Divina. E exemplos não nos faltam nas Sagradas Escrituras. É a virtude de Abraão, que “esperando contra toda esperança, acreditou” (Rm 4, 18); a virtude de Jacó, que por quatorze anos trabalhou nas terras de seu sogro Labão para poder ter a mão de sua filha Raquel (Gn. 29); a virtude de Moisés, que com seu povo caminhou no deserto em busca da terra prometida por Deus, mas cujo horizonte pôde apenas vislumbrar (Dt 34, 1-5). É ainda a virtude de Rute, que deixa a terra de Moab para acompanhar sua sogra Noemi na viuvez de ambas, e encontra graça aos olhos do rico judeu Booz (Rt 2); a virtude de Ana, que no meio de suas lamentações, prosseguiu crendo firmemente na bênção do Senhor, que então põe fim à sua esterilidade (1Sam 1, 1-20); a virtude de Ester, que não temeu a morte em nome da salvação de seu povo (Est 4, 16). É a virtude de João, o apóstolo designado pelo próprio Cristo para a espera da última revelação (Jo 21, 20-24).

É a virtude de Paulo da Cruz. Ainda que, dentre as virtudes teológicas, o Apóstolo da Paixão tenha levado em conta a admoestação do grande Apóstolo Paulo (1Cor 13, 13) e dado destaque central nos seus escritos à caridade, a *esperança* sempre foi uma virtude fundamental na vida do fundador, por ele exercitada de forma excepcional. Assim testemunha o sacerdote diocesano Pe. Giuseppe Sisti, em seu processo de canonização:

Não menos sublime foi a virtude da esperança do Servo de Deus, padre Paulo da Cruz, que sempre esperava alcançar a posse de seu Deus, do qual tanto se mostrava enamorado, e da bem-aventurada pátria do céu, repousando sempre esta sua esperança no auxílio potentíssimo da graça, de modo unido à cooperação da própria vontade, apoiado sempre nos méritos infinitos da Paixão de Jesus Cristo. E, no entanto, todos os seus exercícios espirituais da pregação e oração, as penitências e sofrimentos, em união com os

méritos de Jesus Cristo, os oferecia a Deus, para obter o seu desejado fim último. Especialmente ainda me recordo que, em diversas ocasiões de indigências do seu retiro, suas enfermidades e desolações de espírito, demonstrou sempre uma viva confiança em Deus, esperando sempre d’Ele o auxílio necessário e, sem motivo para se turbar, com hilaridade de espírito, ele tudo sofria, dispondo a causa nas mãos de Deus³.

Na origem da grande aventura carismática de São Paulo da Cruz não estão, portanto, presentes apenas as virtudes da **fé** e da **caridade**: a **esperança** desempenha igualmente um papel fundamental. A contemplação da Paixão na vida do fundador foi guiada, desde os primórdios, pela alegre espera da vinda gloriosa do Senhor Ressuscitado. Tal associação, já encontramos em seu *Diário*, de modo particular na experiência mística por ele vivida no dia 4 de dezembro de 1720, quando, ainda no início de seu retiro no quarto anexo à sacristia da Igreja de São Carlos, em Castellazzo, experimenta o dom da *ciência infusa*⁴ sobre a alegria que espera cada um de nós no encontro face a face com Deus:

Na santíssima Comunhão, me encontrava em grande suavidade; o meu caro Deus me dava inteligência infusa da alegria que terá a alma quando o virmos face a face, que será unida com ele em santo amor; depois me vinha dor em vê-lo ofendido, e lhe dizia que me desejaria dilacerado por uma alma. Ai de mim! Parecia-me definhar, vendo a perda de tantas almas que não sentem o fruto da Paixão do meu Jesus. Quando Deus me dá esta inteligência altíssima da alegria que se provará quando se verá face a face, isto é, unido a Ele, a alma não pode, por assim dizer, sofrer por estar mais no corpo, porque com altíssima luz de fé se vê no infinito amor de seu Deus [...]⁵.

É possível, assim, reconhecer que, desde o princípio, a centralidade da espiritualidade paulocruciana não está fixada apenas na cruz, mas na Paixão de Cristo, em sua totalidade. Se, por um lado, é preciso reconhecer que Paulo

³ Processo Ordinário de Vetralla, p. 7. In: GAETANO DELL’ADDOLORATA. *I Processi di beatificazione e canonizzazione di S. Paolo della Croce, fondatore dei Passionisti e delle Claustri Passioniste*. Roma: Postulazione Generale dei PP. Passionisti, 1969. V. 1.

⁴ Segundo S. Tomás de Aquino, corresponde ao dom de conhecer as coisas não pela experiência ou por esforço do

intelecto, mas de modo imediatamente iluminado por Deus; cf. *Suma Teológica*, II-II, q. 9, art. 3.

⁵ PAOLO DELLA CROCE; CENCINI, Amedeo. *Lettere di San Paolo della Croce*. Roma: Tipografia Pontificia nell’Istituto Pio IX, 1924. V. 1, p. 6-7.

ainda trazia em sua visão de fé um certo “dolorismo” (muito em voga dada as correntes teológicas que se faziam presentes nesta época⁶), por outro, a esperança da ressurreição no Cristo – ou, utilizando uma expressão de São Gregório Palamas, da *cristificação* do fiel⁷ – é evidente nas meditações do santo fundador já desde Castellazzo, não o permitindo sucumbir a uma mera comiseração ou a um devocionismo diante do Crucificado. A teologia paulocruciana, desta forma, mais do que revestida puramente de uma *estauologia* (isto é, de uma teologia da Cruz), encontra-se antes fundamentada numa profunda **passiologia**, que aponta para a esperança no Ressuscitado e, com Ele e n’ele, a restauração de todas as coisas em Deus (At 3, 21).

Este caráter se torna cada vez mais central à medida que Paulo da Cruz, como fruto de seu apostolado missionário, passa a exercer de forma crescente o ministério da direção espiritual. Especialmente na direção de Tommaso Fossi, quando este ainda vivia na condição secular⁸, a virtude da esperança tomava forma tanto mais proeminente quanto mais seu dirigido sente o desejo de abandonar seus deveres como esposo e pai de família para dirigir-se ao estado eclesiástico. Neste desejo, Paulo intuía a tentação da acídia, o “demônio do meio-dia”, que neste caso impelia o senhor Fossi a querer se livrar dos sofrimentos e das lutas cotidianas a que seus deveres familiares e temporais o expunham; por isto, recomendaria continuamente ao seu dirigido que se mantivesse firme em suas obrigações, e suportasse as agruras de sua condição:

[...] e por quantos encontros sinistros aconteçam, beije humildemente aquela mão, que o golpeia para maior vantagem do seu espírito, pois a

estrada que deve vencer para alcançar a santa perfeição é esta. Seja portanto forte, e não pense mais sobre, e esteja certo de que não agiria retamente se o aconselhasse diversamente: nem creia que as tribulações e cruces que prova devam servir-lhe de estímulo para mudar o caminho, quase como se onde sucedem encontros semelhantes seja uma estrada que não conduz a outra coisa que não a Deus [...]”⁹.

É o mesmo teor presente no texto que aqui trazemos para reflexão, extraído precisamente do *Tratado sobre a Morte Mística*, que São Paulo da Cruz escreveu para as monjas do Carmelo de Vetralla e cujo uso depois autorizou para os noviços do Monte Argentário. O total abandono à vontade de Deus, aqui sintetizado na ideia do *morrer misticamente*, longe de um quietismo espiritual, de uma anulação do indivíduo que se eximiria da responsabilidade diante de seu próprio crescimento espiritual, é proposto como um esvaziamento – em analogia ao esvaziamento (*kénosis*) do Cristo (Fl 2, 6-8) –, mediante o qual o discípulo pode reconhecer sua pequenez diante da infinita bondade de Deus e, lutando contra tudo aquilo que o afasta de Deus, mergulhar no “oceano infinito” do seu Amor. É essa luta espiritual, que consiste em crucificar dentro de si tudo aquilo que é “amor próprio e inclinações, paixões e vontades”, que permite com que o cristão se configure ao Cristo Crucificado e Ressuscitado, e tendo n’Ele se configurado, participe da vida salvífica na comunhão com a Trindade Eterna.

Neste sentido, a *esperança*, em Paulo da Cruz, não pode ser separada daquelas outras duas virtudes teológicas, a *fé* e a *caridade*. Se por meio da fé o indivíduo purifica o seu amor para com Deus e os irmãos, não aspirando em troca qualquer consolação ou retribuição, a esperança por sua vez, longe de ser uma “moeda de troca”

⁶ Em especial, o *jansenismo* e o *quietismo*, correntes que pregavam, no caso da primeira, a necessidade de rigorosas práticas de mortificação e ascese como condições essenciais para a vivência do cristianismo e acesso aos sacramentos, ou, no caso da segunda, a total passividade da alma para a ação da graça divina, o que implicava numa desresponsabilização dos indivíduos perante suas ações e sua própria vida moral. Sobre estas duas vertentes, cf.: VV.AA. *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 578-80; 903-905.

⁷ PALAMAS, Gregory. *The Triads*: 3.1 New Jersey: Paulist Press, 1983. N. 3.1.33.

⁸ De fato, ao ficar viúvo, por orientação do próprio santo, o Sr. Fossi recebe a ordenação presbiteral, ingressando na Congregação logo depois, em 1768, com o nome de Pe. Tommaso de Jesus e Maria. Assistirá ao fundador em seu leito de morte, partindo também ele dez anos depois para a casa do Pai, em 1785.

⁹ PAULO DELLA CROCE; CENCINI, A. *Lettere...* V. 1, p. 704.

para com Deus, pela qual se aguardaria a consolação numa vida futura, consiste justamente na “âncora” que nos mantém firmes na caridade e na oração, “esperando contra toda esperança”, numa atenção amorosa a Deus que se irradia para os demais membros do Corpo Místico de Cristo:

É bom exercitar-se nessa [na oração] operando com a parte suprema do espírito, que é o verdadeiro santuário da alma, onde desempenham as suas principais funções a fé, a esperança e a caridade: portanto, ela faz bem em não se importar com qualquer contentamento, [...] mas contentar-se somente de provar a Deus com a parte suprema da alma, em viva e pura fé, já que o justo (como está escrito) vive de fé; e assim com esta atenção amorosa a Deus em pura fé, nasce aquele repouso de amor em Deus, no qual a vontade se abisma inteira no Sumo Bem¹⁰.

Em um momento, portanto, no qual mais do que nunca somos chamados a compartilhar a esperança diante de um mundo que “geme e sofre, como em dores de parto” (Rm 8, 22), nós Passionistas devemos dar testemunho desta esperança viva, não apenas com nossas palavras como também por ações concretas, mediante as quais possamos levar o amor do Cristo Crucificado-Ressuscitado, expressão máxima do Amor Divino, aos irmãos e irmãs que mais sofrem. Peçamos, pois, à Mãe da Santa Esperança, que interceda por nós junto à Trindade Santa, para que infunda em nós a alegre esperança que o mundo tanto precisa.

“Revistamo-nos com a couraça da fé e da caridade, e tomemos por capacete a esperança da salvação” (1Ts 5,8).

REFLEXÃO

- ❖ Como tenho testemunhado, neste momento particular da história, a virtude da esperança, junto aos demais irmãos e irmãs?
- ❖ Minha esperança é constante e alimentada pela vida oração?
- ❖ Meu testemunho da esperança é alegre, como pede o Papa Francisco, e se mostra como instrumento eficaz de evangelização?
- ❖ A esperança que eu alimento me move a partilhar a vida e viver o amor fraterno e compassonado pelos meus irmãos e irmãs?
- ❖ De que modo minha esperança reflete o meu modo de ser e fazer a Memória da Paixão?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – MAIO DE 2020

- 01** São Paulo da Cruz é beatificado pelo papa Pio IX (1853).
Recordação da Venerável Lucia Burlini (1710-1789), leiga passionista, colaboradora de S. Paulo da Cruz.
- 02** Recordação do Servo de Deus D. Eugenio Faggiano CP (1977-1960), bispo passionista.
- 03** Abertura do primeiro mosteiro das Monjas da Paixão de Jesus Cristo na cidade de Tarquínia (1771).
- 07** Recordação da Venerável Ir. Antonieta Farani CP (1906-1963), religiosa das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz.
- 13** Recordação do Venerável Galileo Nicolini CP (1882-1897), religioso passionista.
- 15** Cristo Triunfa do Sepulcro. *Ofício votivo.*
Primeira aprovação das Regras e Constituições da Congregação da Paixão de Jesus Cristo, pelo papa Bento XIV (1741).
- 16** Santa Gemma Galgani, virgem, leiga passionista. *Memória.*
- 21** Na Basílica de Santa Maria in Domnica (Navicella – Roma), Bento XIII autoriza S. Paulo da Cruz, “in viva vocis oraculo”, a reunir companheiros.
- 29** Recordação do Venerável Ir. Gerardo Sagarduy CP (1881-1962), religioso passionista.

EXPEDIENTE: *Equipe de Espiritualidade da FPB* – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Pe. Marcel Alcleante Alexandre de Sousa, CP (Prov. Getsêmani); Pe. Vanildo de Jesus Nascimento, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Carlos Renato Moiteiro (CLPs – Região Centro/PR).

¹⁰ PAULO DELLA CROCE; CENCINI, A. *Lettere...* V. 1, p. 538.